

GUANABARA VIVA



Projeto

UÇÁ

Patrocínio



Diagramação e Capa – Diogo Pereira dos Santos, Armoony Comunicação Visual

H4746 Mattos, Helensandra Louredo da Costa

Do Mangue ao mar: a Baía de Guanabara que você não conhece. Guanabara Viva - Projeto UÇÁ / Helensandra L. da Costa Mattos, Pedro Paulo Belga, Aline Angel Vargas – Rio de Janeiro: Guardiões do Mar, 2019.

ISBN: 978-85-89529-14-3

1. Biologia. 2. Biodiversidade. 3. Ecologia Marinha. I. Mattos, Helensandra Louredo da Costa. II. Belga, Pedro Paulo. III. Vargas, Aline Angel. V. Título: Do Mangue ao mar: a Baía de Guanabara que você não conhece. Guanabara Viva - Projeto UÇÁ

CDD 577.7

CDU 57

Sumário

4- CONVITE PARA UM PASSEIO, VOCÊ VEM?

5- A GUANABARA DE ANTES E DE AGORA

8- A BAIÁ DE GUANABARA

10- APRESENTAMOS ELE, O MANGUEZAL!

13- MUDAM OS HÁBITOS, MUDA O AMBIENTE...

*DO MANGUE AO MAR: A BAÍA DE
GUANABARA QUE VOCÊ NÃO CONHECE*
GUANABARA VIVA

CONVITE PARA UM PASSEIO, VOCÊ VEM?

Basta acessarmos qualquer matéria sobre a Baía de Guanabara, seja na internet, revistas ou jornais impressos, que imediatamente somos bombardeados com notícias nem um pouco animadoras. Geralmente essas mesmas notícias, logo no seu início, falam sobre as belezas naturais encontradas na Baía e no seu entorno, e que não são poucas, mas, logo depois surgem os fatos ruins, que quase sempre acabam pesando mais, e fazendo com que todos pensem numa Baía de Guanabara feia, suja e morta. Para quem mora distante e não tem acesso a ela, e, principalmente, para quem não pode vê-la, fica uma sensação de que não existe uma solução, de que não há mais jeito - o que na verdade prejudica mais ainda a sua recuperação, pois quanto mais ficamos descrentes, menos atenção positiva a Baía recebe, e, por fim, acreditamos que ela é uma causa perdida. Mas, e se eu te contar que apesar de tudo a Baía de Guanabara não desistiu? Que tanto ela, quanto a vida que há nela persistem, e seguem se regenerando a cada dia que passa, apesar de tudo? Você acreditaria em mim?

Se você acredita, nós, do **Projeto UÇÁ**, patrocinado pela **Petrobras**, convidamos para um passeio pela **Baía de Guanabara**, para que possa conhecer um pouco da sua história, sobre como ela vem sobrevivendo, e o que podemos fazer para ajudá-la cuidando melhor do ambiente em que vivemos.

A GUANABARA DE ANTES E DE AGORA

A história da Baía de Guanabara começou a mudar no ano de 1502, a partir da sua ‘descoberta’ pelos europeus, e com isso, mudando também a história das florestas, ilhas, pântanos, manguezais, brejos, restingas, praias, rios, dentre outros ambientes naturais, que até então, e assim como ela, eram altamente conservados. Nessa época os habitantes originais das terras da Guanabara eram os índios que viviam em aldeias ou tabas distribuídas ao longo do Rio de Janeiro. Os índios Tupis viviam harmoniosamente no ambiente, retirando da natureza apenas o que iriam necessitar, deixando sempre que os recursos naturais se recuperassem para que não deixassem de existir. O uso dos recursos naturais pelos índios era voltado para as suas construções, tratamento de doenças, alimentação, produção de artesanato, construção de embarcações, coleta de lenha, frutos ou sementes e produção de armas para caça e embates contra outras tribos. Cada tipo de ambiente era importante para fornecer o que era preciso, ou seja: nas florestas, com vasta Mata Atlântica, caçavam capivaras, pacas, antas, porcos-do-mato, e muitos outros animais; nos manguezais coletavam caranguejos, ostras e peixes; nas restingas encontravam frutas como a pitanga, o caju e o maracujá. Da Baía de Guanabara retiravam diversos tipos de peixes, como os robalos, as tainhas, e até mesmo as baleias. Os índios dominavam o fogo, a navegação e a

agricultura, plantando milho, batata-doce, abóbora, frutas, feijão, mandioca. Todas essas atividades que eles desenvolviam, mesmo causando algum tipo de impacto ambiental, não eram significantes, pois as suas populações eram bem menores do que as de hoje, e havia tempo para a natureza se recuperar. A extração de bens e de recursos não chegava a causar danos em alto grau, ou irreversíveis, já que o seu modo de vida era totalmente sustentável, sendo positivo para eles e para o meio ambiente.

À medida que a cidade do Rio de Janeiro foi sendo ocupada por novos habitantes de outro continente, o meio ambiente foi ganhando uma outra forma, o que antes era totalmente preservado, começou a ser degradado, e essa degradação foi crescente; isso devido à necessidade de desenvolvimento social, econômico e urbanístico voltados à nova população que ia ocupando diversos espaços. O resultado dessa expansão, foi tal, que da mesma forma que a população, e o processo de industrialização aumentavam, parte da paisagem do Rio de Janeiro, e com isso, o entorno da Baía de Guanabara eram alterados. Os elementos naturais eram gradativamente substituídos por construções para viabilizar o desenvolvimento da indústria, do transporte, do comércio e de moradias. A questão é que diversos desses ambientes estavam próximos ou diretamente ligados à Baía de Guanabara, fossem restingas, manguezais, lagoas brejos, e exerciam uma grande influência uns nos outros, e no equilíbrio ambiental como um todo. O primeiro grande vilão dessa história foi o cultivo da cana-de-açúcar para a exportação, que provocou o desmatamento de grandes áreas de florestas; sendo posteriormente substituído pelo cultivo do café, e pela citricultura (que é o cultivo de frutas cítricas, como a laranja e o limão). O objetivo dos cultivos

era principalmente o de atender ao comércio exterior, e com isso a infraestrutura necessária foi responsável pela grande redução de uma enorme extensão de áreas naturais, e ecossistemas.

Antes do processo de poluição, desmatamento, queimada e aterro dos ecossistemas no entorno da Baía de Guanabara, e mesmo durante cerca de 400 anos após a chegada dos europeus aqui no Brasil, os organismos que habitavam a Baía representavam uma rica fonte de alimento para as populações que viviam aqui, o que atualmente já não é mais uma realidade, pois com o tempo os tipos de impactos apenas aumentaram e se diversificaram. O crescimento populacional após a vinda da família real para a cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1808, resultando em 60.000 novos habitantes, criou um verdadeiro problema habitacional, que seguiu aumentando e atingindo, no ano de 1930, o número de 1 400 000 habitantes, causando mais impacto, sendo uma das principais vias o aumento da produção do esgoto doméstico, e posteriormente a sua canalização e lançamento diretamente na Baía de Guanabara. Produzia-se também muito mais lixo, que desde o início do processo de urbanização era despejado em manguezais aterrados, e posteriormente em outros ambientes naturais, que com o tempo foram sendo degradados. Além do crescimento populacional, outro problema foi o desenvolvimento industrial, que acrescentou novos 'ingredientes' a 'sopa' de poluição lançada nos rios e na Baía da Guanabara, passando a lançar também resíduos químicos e tóxicos nas suas águas. Em meio a todas essas mudanças, os municípios no seu entorno, e com influência nela, também foram se desenvolvendo, pois à princípio as maiores populações estavam concentradas nas cidades de Niterói e do Rio de Janeiro. Daí por diante o cenário social seguiu sendo o mesmo, bus-

cando-se mais espaço para a indústria, comércio e moradias. Se a população aumenta, os impactos aumentam junto, e, se pensarmos ainda que nas últimas décadas passamos a consumir muitos bens que antes não existiam, ou não tínhamos acesso, o cenário fica ainda mais complexo, já que, se consumimos mais, descartamos mais lixo, que junto do esgoto e outros rejeitos terminam despejados no ambiente em geral, nos rios e na Baía de Guanabara. O que nos leva a falar sobre o manguezal.

Grande parte do lixo, dos resíduos sólidos que são levados pelos rios e desembocam na Baía de Guanabara, terminam no manguezal, onde ficam presos no solo, e nas raízes das árvores, contaminado e tirando os animais das suas ‘casas’. Por isso, não temos como falar sobre a Baía de Guanabara, e não falar dos manguezais e sobre a sua importância.

A BAIÁ DE GUANABARA

Agora que você já conheceu um pouquinho sobre a Baía de Guanabara, nós te perguntamos: você já teve algum contato com ela? Pelo menos já banhou os seus pés em algumas das suas praias, ou caminhou na areia? São 44 praias distribuídas por diferentes municípios, e que possuem um grande valor cultural e socioambiental, pois além do seu papel ecológico constituem um ambiente agradável para passeios e atividades recreativas, e principalmente: que pode ser frequentado por todos! É

claro, sempre buscando se informar se a praia está ou não própria para o banho, ou seja, se naquele momento o nível de poluição da água está ou não acima do aceitável. Preocupação essa que os índios que habitavam essas terras não precisavam ter, e mesmo os europeus antes da colonização do Brasil. A Baía de alguns séculos atrás, de águas verdes, calmas e limpas, livres de contaminação, deu lugar a uma outra, que continua sendo um dos lugares mais lindos do mundo, por todo o conjunto cênico em que está envolvida, com ilhas, e ainda, montanhas, praias e florestas a sua volta. Porém, muita coisa mudou, e não de uma maneira boa.

Antes de tudo, acredito que seja importante explicar o que é uma Baía. As Baías se formam quando a água do mar avança para o interior do continente, e temos uma porção de água rodeada por terra, no caso da Baía de Guanabara, a ‘terra’ no seu entorno ou próxima, constitui os municípios de Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Tanguá, Magé, Guapimirim, Duque de Caxias, São João de Meriti, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis e Rio de Janeiro; e parcialmente Maricá, Rio Bonito, Cachoeiras de Macacu, Petrópolis, Nova Iguaçu. Uma das grandes influências desses municípios na Baía, diz respeito à água dos seus rios, que no seu curso levam o lixo e o esgoto, despejados pela população, e sem tratamento, modificando a qualidade da sua água e o seu equilíbrio, tornando-se um ambiente poluído, e ganhando outra denominação, a de ‘valão’. É claro que não podemos culpar apenas à população e a comunidades específicas, já que nem todos os municípios podem contar com uma coleta de lixo adequada, e da mesma maneira, com o saneamento básico que destinaria corretamente o esgoto para estações de tratamento; levando em conta também, que a Educação Ambiental, que orientaria as pessoas

sobre como lidar melhor junto ao ambiente em que vive, ainda não tem todo esse alcance. Porém, apesar desse cenário, a Baía de Guanabara ainda abriga uma fauna riquíssima, assim como a flora nos ecossistemas próximos. Mesmo com todo desequilíbrio ambiental dos últimos tempos, num passeio rápido de barco ou em algumas de suas praias é possível notar aves, tartarugas marinhas, peixes em cardumes, ou saltando da água. E num mergulho, mesmo nos locais que aparentam estar mais impactados, como o atracadouro das barcas, que fazem o trajeto Rio-Niterói, em que percebe-se a água mais suja, ou mesmo próximo às ilhas, como a Ilha das Cagarras, que não é tão afastada assim de áreas urbanas, e tem ainda grande influência da Baía de Guanabara, será possível notar uma grande diversidade de peixes e demais organismos que se adaptaram as atuais condições, e que sobrevivem graças também à frequente renovação das águas da Baía, devido à influência do Oceano Atlântico.

APRESENTAMOS ELE, O MANGUEZAL!

Os manguezais são ambientes de transição entre a terra e o mar, e que possuem características únicas, dentre as quais uma grande responsabilidade na manutenção da vida marinha, dentre outras, sobre as quais iremos falar aqui. Na época do descobrimento do Brasil, os manguezais, com as suas muitas árvores ocupavam todo o entorno da Baía de Guanabara próximas aos rios, começando no bairro de Botafogo, e por toda a sua

extensão, delineando onde termina o ambiente marinho e aquático, e inicia o ambiente terrestre. Porém, com o desenvolvimento urbano da região, a degradação dos manguezais foi crescente, restando atualmente apenas 23,64% de área preservada, se comparado ao que os portugueses encontraram na época da colonização. Ele, que desde sempre foi visto por muitos como um ambiente lamacento, sujo e mal cheiroso, possui uma grande importância ambiental, cultural, econômica e social. Além de ser importantíssimo para a manutenção da vida marinha, as suas árvores e o solo, auxiliam na captura do gás carbônico da atmosfera, reduzindo os gases que causam o efeito estufa, e com isso o aquecimento global, até mais do que os outros tipos de florestas; e a sua rica fauna, composta por peixes, caranguejos, moluscos, pequenos mamíferos e aves, fornece alimento e sustento para muitos pescadores artesanais e catadores de caranguejo.

A associação que fazem do manguezal com lixo ou mal cheiro se dá justo por nossa culpa, pois essa sempre foi uma área escolhida para o despejo de resíduos e esgoto, ou para a queima de lixo. Se você desejar saber se essa é uma informação verdadeira, e tiver a curiosidade de descobrir, experimente então ir até um manguezal conservado, ou caso more no Rio de Janeiro, ou tiver a possibilidade de viajar, visite a Área de Proteção Ambiental de Guapimirim (APA de Guapimirim) – onde está a maior faixa preservada de manguezal do Estado do Rio de Janeiro. Quando você estiver no barco, e em meio ao manguezal, respire fundo! Com certeza perceberá que de mal cheiro não há nada, e, pelo contrário, sentirá um cheiro bom, e característico desse ambiente, poderá sentir o ar puro; ouvirá o canto de pássaros, e se estiver ventando, o balançar das árvores, que podem

ser pequenas, médias ou grandes; umas ao lado das outras, muitas vezes entrelaçadas pelas suas raízes, que no caso do mangue vermelho (uma das três espécies de árvores de mangue que tem por lá) ficam acima do solo, como se fossem escoras, capazes de sustentá-las no solo úmido e fofo, bem diferente das árvores que encontramos nas florestas, nas praças e em outros lugares que frequentamos tanto no campo quanto em áreas urbanas. E não é apenas o solo do manguezal que é diferente, a água do rio que corre banhando as suas margens e inundando o solo na maré cheia, é uma mistura de água doce e salgada, que chamamos de salobra, justo porque se encontra com a água do mar. O solo do manguezal tem a terra bem fina, e misturada a de restos de galhos, folhas e demais tipos de matéria orgânica que vão sendo decompostos por diversos tipos de microrganismos com o tempo, e, aliás, essa é uma das origens do cheiro característico desse ambiente, pois como resultado da decomposição da matéria orgânica é liberado um gás com esse odor característico. Toda essa matéria em decomposição torna o solo e a água ricos em nutrientes, que tem uma função especial, servindo de alimento para muitos organismos, como as larvas de peixes e de caranguejos, dentre outros. Mas, o que muita gente não sabe, é que o manguezal também é conhecido como o ‘berçário’ da vida marinha pois diversos organismos encontram nele tanto abrigo, quanto alimento, durante as suas primeiras fases de desenvolvimento, partindo em direção ao mar apenas após estarem suficientemente desenvolvidos. A parte ruim, que eu tenho para falar agora é que os manguezais que antes ocupavam quase toda a margem da Baía de Guanabara próxima aos rios, agora restringe-se apenas a APA de Guapimirim. Isso mesmo. Pensemos então: se acabarmos com o

berçário da vida marinha, e com o lugar onde diversos outros organismos vivem e se alimentam, como é que o manguezal terá a mesma capacidade de manter a diversidade e a quantidade de organismos de que a Baía de Guanabara necessita para voltar a ser como era? Essa é uma questão importante, já que parte da devastação dos manguezais do Brasil, apenas pôde ser freada com a criação de Áreas de Proteção Ambiental, que impedem esse tipo de crime. Uma reflexão importante é que, mesmo que não estejamos no manguezal, ou que nunca tenhamos ido a um, o nosso lixo sempre acaba chegando por lá, e causando um grande estrago.

MUDAM OS HÁBITOS, MUDA O AMBIENTE...

Como num romance de suspense, quando desejamos desvendar um crime, geralmente voltamos passo a passo na história, tentando descobrir quem é o culpado, analisando cada pista. No caso da Baía de Guanabara, as pistas são bem grandes e claras, como falamos anteriormente, e, uma das maiores, que pode ser percebida num simples caminhar pelas ruas, ou num comercial de TV, onde vende-se de tudo, tudo que um dia acabará sendo descartado, é o lixo. Outra pista diz respeito a que tipo de lixo é esse, já que o lixo que se despejava há séculos, e o tipo de lixo que se despeja atualmente não é o mesmo. Mesmo já no século XX, na década de oitenta por exemplo, quando a população nos municípios do entorno da Baía de Guanabara já era significativamente grande,

não se descartava tanto plástico. As garrafas de refrigerante, eram retornáveis, e feitas de vidro, as bolsas de supermercado eram feitas de papel, assim como muitas embalagens de produtos que consumíamos, como o açúcar e a farinha de trigo, também. Não havia tanto plástico sendo vendido e a preços tão baixos, e geralmente quando eram, a qualidade era melhor, e com isso a durabilidade, impedindo que logo estragassem e fossem descartados. Uma rápida visita ao supermercado e logo notamos que atualmente até os legumes vem embalados em plástico. Com o tempo mudamos também o nosso padrão de consumo, passamos a comprar mais, e a consumir mais objetos descartáveis que por vezes ficam por poucos segundos ou minutos nas nossas mãos, como uma embalagem de chocolate, um canudo ou um copo de água descartável. Todos esses resíduos, se não tiverem destino na coleta seletiva – quando o lixo é separado e enviado para a reciclagem; inevitavelmente terminarão acumulando-se no ambiente terrestre, nos rios, manguezais nos mares e oceanos, e nos lixões ilegais ou aterros sanitários, levando, na maioria das vezes, séculos para se decomporem. Um bom exemplo é se imaginarmos que se em 1500 já se usasse plástico, o lixo que veio nas caravelas ainda estaria por ai flutuando nos nossos rios e praias, estampados com o brasão real, da mesma forma que encontramos restos de cerâmica com origem indígena nos sítios arqueológicos, ou os sambaquis - que são montanhas de restos de conchas de moluscos junto de outros artefatos, que datam da pré-história e que podem ser encontrados no litoral do Brasil. A grande diferença é o tipo de impacto que cada resíduos causa ao meio ambiente, no caso dos sítios arqueológicos, tanto a quantidade quanto a composição dos materiais são totalmente diferentes dos tipos de resíduos atuais.

Como o plástico, que já ‘invadiu’ todos os ambientes, originando o microplástico que é o resultado da sua fragmentação em partículas invisíveis aos nossos olhos, e que já configura uma grave fonte de contaminação das águas de rios, mares oceanos, e até do ar. O sal que comemos já tem microplástico, e muito da água que bebemos também. Isso sem falar que ele também vem sendo consumido por organismos marinhos, e posteriormente por nós, quando os consumimos. Resumindo tudo isso: precisamos parar já para pensar, e não apenas pensar, mas agir! Quando falamos da conservação do meio ambiente, dos rios, da Baía de Guanabara, estamos falando também das nossas vidas, pois nós fazemos parte desse todo, e o que lançamos na natureza, acaba retornando para as nossas vidas.

Porém, existem atitudes simples que podemos adotar, como por exemplo comprar apenas o que iremos usar, ou usarmos por mais tempo. Muitas vezes somos influenciados a consumir coisas de que na verdade não precisamos, seguimos modas ou novos hábitos, que na realidade não farão muita diferença em nossas vidas, mas no nosso ambiente sim. Também é muito importante ter atenção com coisas simples e que podem ajudar muito se todos fizerem, como por exemplo carregar sempre a própria caneca ou copo na bolsa, e evitar utensílios descartáveis, separar os resíduos sólidos em casa, ou até mesmo sugerir um projeto na escola. E por aí vai, pois as possibilidades de reverter essa realidade ambiental triste que estamos vivendo são muitas, e precisamos contar com o apoio de todos! Precisamos mudar a nossa história.

Se você que está aqui nos lendo, ouvindo ou assistindo, quiser ser um guardião da Baía de Guanabara e dos manguezais, divulgue essa ideia! Chame os seus amigos para que participem também, pois não é tão difícil assim! Nós do **Projeto UÇÁ**, que é realizado pela ONG Guardiões do Mar, que conta com o **patrocínio da Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental**, estamos há sete anos nos esforçando para fazer a nossa parte, e chamando a todos que desejarem fazer o mesmo. No nosso projeto nós realizamos diversas ações, e todas elas voltadas para a conservação dos manguezais, e com isso da Baía de Guanabara.

Esse material que você está usando por exemplo, é voltado para a Educação Ambiental, assim como as exposições e muitas outras atividades nas escolas, praças e museus. Nós também realizamos replantio e manutenção de mudas de mangue na APA de Guapimirim; desenvolvemos atividade de pesquisa para identificar como o caranguejo uçá, que vive no manguezal, vem lidando com toda essa interferência humana; auxiliamos a comunidade no entorno da APA de Guapimirim na aquisição de novos conhecimentos e de um novo trabalho voltado para a sustentabilidade, que é o turismo de base comunitária, eles, os povos tradicionais, pescadores artesanais e catadores de caranguejo, por exemplo, que sabem mais do que qualquer um sobre o local, se tornam guias turísticos ali no manguezal e na Baía de Guanabara! Além disso, todo ano nós fazemos faxina nos manguezais, na Operação **LIMPAOCA**, quando essas comunidades parceiras, dos municípios próximos a APA vão para o mangue retirando toneladas de lixo. Para você ter uma ideia até hoje foram retiradas 22.022,7 toneladas de lixo de lá – imagine que um carro pequeno pesa em média 940 Kg, certo? Ou seja, vinte e duas toneladas de lixo

retirado do manguezal, equivaleriam a um pouco mais de 22 carros! O que nos leva a pensar sobre o que aconteceria se ao longo desses últimos anos esse lixo não tivesse sido retirado do manguezal? Cada um de nós sempre pode fazer algo, nós limpamos e plantamos manguezais e disseminamos boas práticas, você pode se tornar a cada dia um consumidor mais consciente, e alertar outras pessoas também, e assim por diante. Muito obrigada por vir com a gente nesse passeio, esperamos que tenha curtido e que deseje retornar!

Bibliografia

Amador, Elmo da Silva. Baía de Guanabara: ocupação histórica e avaliação ambiental. Rio de Janeiro: Interciência, 2013.

Zee, David; Medeiros, Rodrigo, ... [et. al.] (org.). Baía de Guanabara: passado, presente, futuros. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2017.



Projeto
UÇÁ

Patrocínio

